

Que país queremos ser?



MILTON REGO

é engenheiro, vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea)

Nos últimos anos, e especialmente desde 2012, tenho discutido muito sobre a competitividade da indústria de máquinas agrícolas e de construção e o impacto que isso significa em toda a cadeia. É comum dizer que “a indústria brasileira não é competitiva”.

Vamos por partes. O fato da indústria brasileira não ter competitividade significa, em última instância, que os produtos brasileiros têm um custo superior aos fabricados nos polos industriais de alguns países (aqueles que lideram o mercado de equipamentos e manufaturas) e, portanto, esses produtos importados são mais competitivos – mais baratos. E isso é verdade para muitas das nossas cadeias produtivas. Há, inclusive, indústrias brasileiras produzindo em outros países para alcançar mercados que não seriam possíveis a partir da produção local.

E qual seria a solução? Uma maior abertura ao mercado internacional para diminuir os custos, seja das empresas, do governo ou das famílias. E esse argumento pode ser dividido em dois: 1) a abertura proporcionaria uma “corrida” da indústria nacional buscando um aumento da produtividade para competir; e 2) diminuiria o custo dos produtos, aumentando a capacidade de compra das famílias e a produtividade da economia pelo barateamento dos insumos.

Para os consumidores parece ótimo. Quem não gostaria de comprar eletrodomésticos, carros ou tênis mais baratos?

No entanto, não somos simplesmente um país de consumidores. Somos também um país de trabalhadores que precisa produzir, gerar excedente, investir, exportar e criar postos de trabalho. Impossível sem uma indústria dinâmica, responsável no Brasil por 13% dos empregos, justamente aqueles melhor remunerados. Apenas nas empresas do setor automotivo que fazem parte da Anfavea são empregadas diretamente mais de 150 000 pessoas.

O Brasil precisa resolver a questão da competitividade desenvolvendo o seu parque industrial. Como? É o debate que se coloca para a sociedade e que precisamos fazer para todos os setores. Outros países estão à nossa frente.

A indústria de máquinas agrícolas e de construção tem pouco mais de 50 anos no nosso país e se faz representar com fábricas das principais marcas mundiais e brasileiras, produzindo equipamentos com a mesma tecnologia (gestão, produção e inovação) da Europa, dos Estados Unidos e do Japão.

O Brasil é o único país do hemisfério sul que tem uma indústria desenvolvida e consolidada nesses segmentos. Os produtos são (ou eram) exportados para o mundo inteiro e alguns “clusters” têm o desenvolvimento mundial exclusivo no Brasil, dependendo do fabricante.

Entretanto, são muitos os fatores que afetam a indústria brasileira: o desempenho da economia (e, especialmente, os investimentos), a renda agrícola, a política de infraestrutura e de crédito, as compras governamentais, os acordos internacionais

e os fluxos de capital, o excesso de importações e os problemas estruturais – o nosso famoso custo Brasil com a sua carga tributária em cascata, logística deficitária, mão de obra e custos de matérias-primas acima da média dos nossos concorrentes, questões regulatórias e outros.

Nesse contexto, a presença de produtos importados no Brasil cresce geometricamente. Em 2013, os equipamentos importados representaram algo em torno de 10% das máquinas agrícolas e quase a metade das máquinas de construção. Esse aumento sistemático trouxe uma deterioração do parque fornecedor de autopeças no Brasil que, uma vez que a demanda está ameaçada, não se sente compelido para investir em P&D ou em produtividade.

Assim, se não fizermos nada para melhorar a competitividade dos produtos brasileiros, iremos aprofundar a substituição da oferta de artigos nacionais pelos importados, inclusive com as próprias empresas que operam no Brasil decidindo pela fabricação em outros países.

Temos que aumentar a nossa competitividade. Não existe alternativa. Para isso precisamos:

- melhorar as bases para a produtividade dessa indústria em toda a cadeia, o que requer infraestrutura, disponibilidade de mão de obra com educação técnica, logística adequada para exportação;
- reforçar a cadeia de fornecedores locais, que está sem investimentos e sendo igualmente pressionada por importações;
- privilegiar, com tributação e linhas de financiamento, os investimentos em pesquisa, ciência, inovação, qualidade dos fabricantes e fornecedores.

O Brasil necessita enquadrar a indústria de máquinas agrícolas e de construção dentro do novo regime automotivo (como os caminhões e ônibus – também bens de capital), sob a pena de uma migração sistemática da produção dessas máquinas para outros polos produtivos. Isso poderia significar, por exemplo, englobar esse setor na dimensão estruturante da nova Política Automotiva do governo.

O que queremos é que o Brasil possa, daqui a dez anos, continuar tendo uma indústria de máquinas importante como é hoje. Se nada for feito, em 2024 seremos simplesmente um grande cliente das fábricas chinesas, coreanas, europeias e americanas.

Como solução para ganhar competitividade, a Anfavea, em outubro de 2013, apresentou ao governo o Inovar-Máquinas, voltado para o setor de máquinas agrícolas e de construção. O programa incentiva o aumento de compras de peças e componentes no Brasil, o investimento industrial e, também, a compra de máquinas industriais.

São essas as questões que devem ser debatidas. Não podemos esperar ter competitividade industrial para decidirmos fabricar aqui. Trata-se de uma decisão de país, de política industrial. Afinal, que país queremos ser? 